

Domingo VI do Tempo Comum - Ano C – 16 fevereiro 2025



Viver a Palavra

Como cristãos somos chamados a inscrever a nossa existência num horizonte de fé e de esperança que nos projeta para lá da autossuficiência do presente e nos faz entrar na lógica da confiança naquele que tudo sustenta e que transforma as nossas vidas em lugares fecundos, com raízes voltadas para a corrente e uma folhagem verde, onde se podem entrever saborosos e abundantes frutos.

O profeta Isaías confirma esta certeza, convidando-nos a abandonar a nossa lógica falível de confiança unicamente nas nossas forças para nos abandonarmos nas mãos Daquela que nunca nos abandona: «*Maldito quem confia no homem. (...) Bendito quem confia no Senhor*».

Somos herdeiros da vida nova que brota da Páscoa de Cristo e, interpelados por S. Paulo na sua primeira carta aos Coríntios, reconhecemos que não é vã a nossa fé, porque sabemos que a nossa esperança não se esgota no tempo presente. A nossa vida está inscrita nesse horizonte de vida e eternidade para onde a ressurreição de Cristo nos projeta.

Por isso, somos felizes! Somos bem-aventurados! Somos convocados para viver a lei nova do amor, já não inscrita em tábuas de pedra, mas gravada no coração renovado e transformado pela força vivificante da ressurreição de Cristo. Já não se trata de uma lei apofática, que nos recorda aquilo que não devemos fazer, mas uma lei nova que Jesus proclama na planície, uma lei de máximos, que nos faz olhar a medida alta da santidade, o caminho exigente de quem se disponibiliza para o acontecer de Deus.

No Evangelho de Lucas, Jesus proclama quatro bem-aventuranças: «*bem-aventurados vós, os pobres*», «*bem-aventurados vós que agora tendes fome*», «*bem-aventurados vós que agora chorais*», e «*bem-aventurados sereis, quando os homens vos odiarem*» e contrapões a estas bem-aventuranças quatro advertências: «*ai de vós, os ricos*», «*ai de vós, que agora estais saciados*», «*ai de vós que rides agora*» e «*ai de vós quando todos os homens vos elogiarem*».

Uma vez mais estamos diante desta passagem da nossa lógica humana de autossuficiência para a confiança no Deus que enriquece a nossa pobreza, sacia a nossa fome, enxuga as nossas lágrimas e derrama sobre nós o amor que vence o ódio e a violência.

As bem-aventuranças são o como afirma o Papa Francisco: «*o bilhete de identidade do cristão*» e, por isso, continua o Santo Padre: «*se um de nós se questionar sobre “como fazer para chegar a ser um bom cristão?”, a resposta é simples: é necessário fazer – cada qual a seu modo – aquilo que Jesus disse no sermão das bem-aventuranças. Nelas está delineado o rosto do Mestre, que somos chamados a deixar transparecer no dia-a-dia da nossa vida. A palavra «feliz» ou «bem-aventurado» torna-se sinónimo de «santo», porque expressa que a pessoa fiel a Deus e que vive a sua Palavra alcança, na doação de si mesma, a verdadeira felicidade*» (GE 63-64).

Na verdade, só Jesus é o Bem-aventurado por excelência. É Ele o pobre em Espírito que inaugura no tempo e na história o Reino de Deus. Ele que teve fome no deserto e sede no alto da Cruz, quer saciar a nossa fome e sede e oferece o Seu Corpo como alimento e o Seu Sangue como bebida verdadeira. É Ele que assume sobre si as nossas dores e, chorando connosco, enxuga as nossas lágrimas e anuncia o mistério da consolação. Ele, que foi odiado, rejeitado e insultado por amor do Reino dos Céus, fortalece a nossa caminhada na exigente tarefa de ser testemunha do Seu amor.

Por isso, coloquemos o nosso olhar em Jesus de Nazaré, Aquele que nos convida depositar as nossas vidas nas Suas mãos, para que a nossa existência possa fazer ecoar no mundo a melodia que cantámos no Salmo deste Domingo: «*Feliz o homem que pôs a sua esperança no Senhor*». *in Voz Portuguesa*

+++++

No dia **11 de fevereiro**, memória de Nossa Senhora de Lourdes, celebra-se o **Dia Mundial do Doente**. É já o **XXXIII Dia Mundial do Doente**. Este dia é uma oportunidade para as comunidades para uma celebração

ou algum momento de convívio com os doentes da comunidade, ou qualquer outro gesto de proximidade com quantos se encontram numa situação de fragilidade. Inspirados nas palavras do Papa Francisco será importante sensibilizar os fiéis para uma renovada cultura do cuidado: «*o primeiro cuidado de que necessitamos na doença é uma proximidade cheia de compaixão e ternura. Por isso, cuidar do doente significa, antes de mais nada, cuidar das suas relações, de todas as suas relações: com Deus, com os outros – familiares, amigos, profissionais de saúde –, com a criação, consigo mesmo*». **(da Mensagem do Papa Francisco para este dia – ver Mensagem em anexo)**

+++++

Já no **Tempo Comum**, continuamos um novo Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -, acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Jeremias 17, 5-8

Eis o que diz o Senhor:

**«Maldito quem confia no homem
e põe na carne toda a sua esperança,
afastando o seu coração do Senhor.
Será como o cardo na estepe
que nem percebe quando chega a felicidade:
habitará na aridez do deserto,
terra salobre, onde ninguém habita.
Bendito quem confia no Senhor
e põe no Senhor a sua esperança.
É como a árvore plantada à beira da água,
que estende as suas raízes para a corrente:
nada tem a temer quando vem o calor
e a sua folhagem mantém-se sempre verde;
em ano de estiagem não se inquieta
e não deixa de produzir os seus frutos».**

CONTEXTO

Jeremias nasceu em Anatot, uma pequena cidade levítica situada nas proximidades de Jerusalém, por volta de 650 a.C.; e exerceu a sua missão profética desde 627/626 a.C., até depois da destruição de Jerusalém pelos Babilónios (586 a.C.).

A época de Jeremias é uma época de grande instabilidade política e social. Quando Jeremias assumiu a missão profética, o rei Josias estava a concretizar uma grande reforma religiosa destinada a banir do país os cultos aos deuses estrangeiros, depois de décadas de infidelidade a Deus e de sincretismo religioso. Jeremias, nessa fase, envolveu-se na reforma religiosa de Josias, exortando os habitantes de Judá a converterem-se e a serem fiéis a Javé.

Contudo, em 609 a.C. Josias foi morto em Megido, em combate contra os egípcios. Depois de uns meses de instabilidade, o trono de Judá foi ocupado por Joaquim (609-597 a.C.). Judá voltou a trilhar caminhos de incerteza e insegurança. As injustiças sociais, às vezes fomentadas pelo próprio rei, fragilizavam irremediavelmente o tecido social de Judá; a política de alianças militares com potências estrangeiras, punha em risco a independência nacional. Jeremias entendia, além disso, que ao colocarem a esperança da nação em exércitos estrangeiros, os líderes de Judá estavam a mostrar que não confiavam em Deus. Convencido de que Judá tinha ultrapassado todas as marcas, Jeremias anunciou, a dada altura, a iminência de uma invasão babilónica que castigaria os pecados da nação. As previsões funestas de Jeremias concretizaram-se: em 597 a.C., Nabucodonosor invadiu Judá e deportou para a Babilónia uma parte da população de Jerusalém.

No trono de Judá ficou, então, Sedecias (597-586 a.C.). Inicialmente, Sedecias manteve-se à margem das convulsões políticas que agitavam os povos da região; mas, após alguns anos de calma submissão à Babilónia, Sedecias voltou a experimentar a velha política das alianças com potências regionais, buscando a

ajuda do Egito contra a Babilônia. Jeremias, uma vez mais, manifestou o seu desacordo, prevendo o desastre da nação.

Os receios de Jeremias confirmaram-se uma vez mais. Em 587 a.C. Nabucodonosor, rei da Babilônia, pôs cerco a Jerusalém. Um exército egípcio veio em socorro de Judá e os babilônios retiraram-se. Mas Jeremias, convencido de que tinha chegado o fim, anunciou o recomeço do cerco e a destruição de Jerusalém (cf. Jr 32,2-5). Acusado de traição, o profeta foi encarcerado (cf. Jr 37,11-16), chegando a correr perigo de vida (cf. Jr 38,11-13). Pouco depois, Nabucodonosor entrou em Jerusalém, destruiu a cidade e deportou a sua população para a Babilônia (586 a.C.).

É difícil situar, neste quadro histórico acima apresentado, o momento exato em que Jeremias teria pronunciado as palavras que a primeira leitura deste domingo nos apresenta. Mas poderemos situá-las, provavelmente, no contexto das políticas erráticas de Joaquim (609-597 a.C.) ou de Sedecias (597-586 a.C.), que colocavam a segurança de Judá nas mãos de exércitos estrangeiros, em lugar de confiar em Javé. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Só vivemos uma vez. Não podemos arriscar-nos a falhar a nossa existência. A nossa vida é um capital demasiado importante para ser esbanjado. Por isso, temos de escolher bem as nossas apostas, os valores em que investimos, as escolhas que fazemos. No entanto, as coisas nem sempre são claras e definidas. Há muita confusão no nosso mundo e muitos interesses cruzados: há coisas que nos são oferecidas como ouro, mas que não passam de um qualquer metal sem valor; há caminhos que nos dizem levar à felicidade e à plena realização, mas que acabam por não nos conduzir a lado nenhum; há investimentos que nos são apresentados como “garantidos”, mas que acabam por nunca nos trazer qualquer retorno. Sobre que bases devemos assentar a nossa vida para que ela valha a pena? O que significa construir a nossa existência sobre rocha firme? Quais os valores a que não podemos renunciar para que a nossa vida não seja um fracasso?
- “Maldito quem confia no homem e põe na carne toda a sua esperança” – diz-nos Jeremias. As palavras de Jeremias vão no sentido de nos recomendar que não confiemos nas pessoas que nos rodeiam? São palavras que brotam da experiência amarga de quem se sentiu traído pelas pessoas em quem confiou e que agora desconfia de tudo e de todos? Não. As palavras de Jeremias são apenas um aviso para não colocarmos a nossa esperança e a nossa segurança em realidades humanas, sempre frágeis e sempre efémeras. São palavras que fazem sentido: as relações pessoais desgastam-se, as seguranças humanas que construímos falham, os nossos bens materiais volatilizam-se, as nossas certezas desfazem-se com o embate contra realidades que as desmentem. Em que realidades temos estado a pôr a nossa confiança e a nossa esperança? Não serão realidades com um “prazo de validade” limitado? Podemos construir firmemente a nossa vida sobre elas?
- “Bendito quem confia no Senhor e põe no Senhor a sua esperança” – diz-nos Jeremias. O profeta está convencido de que Deus é sempre fiel e que nunca nos falhará. Podemos confiar na sua bondade, no seu perdão, na sua misericórdia, no seu amor de Pai; podemos confiar nas suas palavras, que nos indicam caminhos válidos para chegarmos à vida verdadeira; podemos entregar-nos confiadamente nas suas mãos e confiar n’Ele, do mesmo modo que a criança pequenina confia no seu pai ou na sua mãe. Confiemos em Deus dessa forma? É nas mãos d’Ele que entregamos a nossa vida? Deus é a nossa melhor aposta, a nossa segurança, a nossa suprema esperança? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 1

Refrão: Feliz o homem que pôs a sua esperança no Senhor.

**Feliz o homem que não segue o conselho dos ímpios,
nem se detém no caminho dos pecadores,
mas antes se compraz na lei do Senhor,
e nela medita dia e noite.**

**É como árvore plantada à beira das águas:
dá fruto a seu tempo e sua folhagem não murcha.**

Tudo quanto fizer será bem sucedido.

**Bem diferente é a sorte dos ímpios:
são como palha que o vento leva.**

**O Senhor vela pelo caminho dos justos,
mas o caminho dos pecadores leva à perdição.**

LEITURA II – 1 Coríntios 15,12.16-20

Irmãos:

**Se pregamos que Cristo ressuscitou dos mortos,
porque dizem alguns no meio de vós
que não há ressurreição dos mortos?**

**Se os mortos não ressuscitam,
também Cristo não ressuscitou.**

**E se Cristo não ressuscitou,
é vã a vossa fé, ainda estais nos vossos pecados;
e assim, os que morreram em Cristo pereceram também.**

**Se é só para a vida presente
que temos posta em Cristo a nossa esperança,
somos os mais miseráveis de todos os homens.**

Mas não.

**Cristo ressuscitou dos mortos,
como primícias dos que morreram.**

CONTEXTO

A cidade de Corinto situada a cerca de 10 quilómetros do istmo de Corinto, servida por dois portos de mar, era umas das grandes cidades do Mediterrâneo. Era também um dos grandes centros da cultura grega: sem ter a fama de Atenas tinha, contudo, grande número de poetas, filósofos, oradores e médicos; todas as escolas filosóficas e todas as culturas estavam representadas na cidade. Corinto era, além de tudo isso, um centro religioso onde todos os cultos e religiões estavam representados. O culto principal girava à volta de Afrodite, deusa do amor, que tinha um grande santuário na acrópole da cidade. O culto de Apolo era também muito importante. Adoravam-se ainda diversas divindades estrangeiras, como Ísis e Serapis. Havia numerosos grupos religiosos, ou “Thiasoi”, com um líder à sua frente. Religiões do Oriente e religiões místicas estavam representadas no universo religioso de Corinto.

Quando o Evangelho chegou a Corinto, levado por Paulo (no decurso da sua segunda viagem missionária), encontrou-se com toda esta realidade. No entanto, o cristianismo propunha valores muito diferentes daqueles que os coríntios conheciam. O choque dos valores cristãos com a realidade da cultura greco-romana foi inevitável.

Uma das ideias cristãs que encontrou resistência entre os coríntios foi a ressurreição dos mortos. Muitos gregos, influenciados por filosofias dualistas muito em voga (nomeadamente a filosofia platónica), viam no corpo uma realidade negativa e na alma uma realidade ideal e nobre; e, a partir daí, recusavam-se a aceitar que a ressurreição integral do homem. Como poderia o corpo – uma realidade material, carnal, sensual, que aprisionava a alma e a impedia de subir ao mundo ideal – seguir a alma nesse mundo luminoso para onde a alma tendia?

Paulo teve de abordar esta questão que dividia os coríntios. Fê-lo na primeira carta que lhes dirigiu (cf. 1Cor 15). Afinal, a ressurreição estava no centro da fé cristã. Paulo começa por falar aos coríntios da ressurreição de Cristo, realidade sem a qual todo o edifício cristão cai por terra (cf. 1Cor 15,1-11); depois, parte daí para afirmar a ressurreição de todos aqueles que aderiram a Cristo e que d’Ele recebem vida. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Há questões que, mais tarde ou mais cedo, não podemos deixar de equacionar... Qual o sentido último da nossa vida? Para onde caminhamos? Que nos espera no final do caminho (sempre tão breve!) que percorremos aqui na terra? Estamos condenados ao nada, ao absoluto desaparecimento, ou há uma existência nova, totalmente outra, à nossa espera? Paulo, depois de conhecer a ressurreição de Cristo, a sua vitória sobre a morte, acredita firmemente que estamos destinados à ressurreição, a uma vida nova e definitiva, imersos no amor de Deus. Cristo abriu-nos as portas dessa vida nova que nos espera, ao encontro definitivo com o amor de Deus. Se essa vida futura não existisse, seríamos “os mais miseráveis de todos os homens” e a nossa fé não faria qualquer sentido – diz Paulo. Como vivemos e sentimos tudo isto? No horizonte da nossa existência está a certeza do encontro com o Amor, com a vida nova que Deus oferece aos seus filhos queridos?
- A maneira como olhamos para o nosso horizonte último afetará, provavelmente, a forma como encaramos a vida de todos os dias. Será diferente caminarmos presos a uma sentença de “morte definitiva”, depois de alguns anos de trabalhos e vicissitudes sem fim, ou de caminarmos de olhos postos num horizonte de vida ilimitada, no encontro com o amor de Deus. Como é que a fé na ressurreição dos mortos afeta a nossa vida presente? Muda a nossa perspectiva das coisas, dos valores que cultivamos, das apostas que fazemos, dos comportamentos que assumimos? Ajuda-nos a viver com mais alegria e mais esperança?

- Viver de olhos postos na vida nova que nos espera em Deus implicará renunciar às coisas boas e belas deste mundo? Não. O projeto de Deus para nós é que tenhamos vida em abundância, não apenas no mundo futuro, mas mesmo quando ainda caminhamos na terra. No entanto, a nossa realização e a nossa felicidade – já aqui na terra – depende de escolhas acertadas. Há formas de viver que não nos realizam; há apostas que apenas nos trazem desilusão e vazio; há escolhas que nos levam por caminho onde a vida e a felicidade não estão. Podemos abraçar, ao longo do nosso caminho nesta terra, as coisas boas e belas que nos proporcionam vida verdadeira e que não nos afastam de Deus e do seu amor. É assim que procuramos construir o nosso caminho enquanto andamos cá na terra?
- O medo da morte pode destruir irremediavelmente a nossa existência. Pode paralisar-nos, limitar as nossas opções, fazer-nos viver escondidos, impedir-nos de lutar contra a maldade, a mentira, o pecado que desfeia o mundo. Mas, quando sabemos que estamos destinados à ressurreição, o medo da morte já não nos domina; podemos comprometer-nos na luta pela justiça e pela paz, com a certeza de que a injustiça e a opressão não podem pôr fim à vida que nos anima; e é na medida em que nos comprometemos com esse mundo novo e o construímos com gestos concretos que estamos a anunciar a ressurreição plena do mundo, dos homens e das coisas. A certeza da ressurreição é para mim uma certeza libertadora, que me ajuda a viver com coragem e a assumir o meu compromisso com a construção de um mundo mais justo e mais humano? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – Lucas 6,17.20-26

**Naquele tempo,
Jesus desceu do monte, na companhia dos Apóstolos,
e deteve-Se num sítio plano,
com numerosos discípulos e uma grande multidão
de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e Sidónia.
Erguendo então os olhos para os discípulos, disse:
Bem-aventurados vós, os pobres,
porque é vosso o reino de Deus.
Bem-aventurados vós, que agora tendes fome,
porque sereis saciados.
Bem-aventurados vós, que agora chorais,
porque haveis de rir.
Bem-aventurados sereis, quando os homens vos odiarem,
quando vos rejeitarem e insultarem
e prescreverem o vosso nome como infame,
por causa do Filho do homem.
Alegrai-vos e exultai nesse dia,
porque é grande no Céu a vossa recompensa.
Era assim que os seus antepassados tratavam os profetas.
Mas ai de vós, os ricos,
porque já recebestes a vossa consolação.
Ai de vós, que agora estais saciados,
porque haveis de ter fome.
Ai de vós, que rides agora,
porque haveis de entristecer-vos e chorar.
Ai de vós, quando todos os homens vos elogiarem.
Era assim que os seus antepassados
tratavam os falsos profetas.**

CONTEXTO

Depois de apresentar o seu “programa” pastoral na sinagoga de Nazaré (“anunciar a boa nova aos pobres”, “proclamar a redenção aos cativos”, abrir os olhos aos cegos, “a restituir a liberdade aos oprimidos”, “proclamar o ano da graça do Senhor” – Lc 4,18-19), Jesus andou pela Galileia a falar da chegada do Reino de Deus. Os líderes judaicos – especialmente os fariseus e doutores da lei – assumiram, desde os primeiros momentos, uma atitude crítica face ao projeto de Jesus (cf. Lc 5,21-25.33-39; 6,11); mas muitas outras pessoas escutavam Jesus com entusiasmo e todos os dias o procuravam.

À volta de Jesus foi-se rapidamente consolidando um grupo de discípulos. Havia aqueles que Ele tinha chamado – como Simão Pedro, André, Tiago, João e Mateus (cf. Lc 5,10-11. 27-28) – e havia outros que tinham vindo espontaneamente para O ouvir e que tinham ficado com Ele. Um dia, depois de ter passado a noite em oração no cimo de um monte, Jesus escolheu Doze dentre esses discípulos e designou-os como “apóstolos” (cf.

Lc 6,12-16). Esses Doze serão o núcleo central da comunidade de Jesus, aqueles em quem Jesus se apoiava e com quem contava de forma especial.

Depois de ter escolhido os Doze, Jesus desceu à planície. Estava acompanhado pelos discípulos e por muita gente que tinha vindo “de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e Sídon” (Lc 6,17) para o ouvir e ser curada dos seus males. Nessa circunstância, Jesus pronunciou uma longa “instrução”, que ficou conhecida como o “sermão da planície” (cf. Lc 6,20-49). Nessa “instrução”, falou aos que o rodeavam da libertação que trazia e do caminho que devia ser seguido por todos aqueles que quisessem integrar a comunidade do Reino. O Evangelho que a liturgia deste sexto domingo comum nos propõe apresenta-nos o início dessa “instrução”: as “bem-aventuranças”.

O evangelista Mateus também nos apresenta um discurso de Jesus que começa com as “bem-aventuranças” (cf. Mt 5,1-7,29). Na versão de Mateus, contudo, esse discurso é feito no cimo de um monte e não na planície; e não comporta “maldições”. A versão de Lucas é significativamente mais curta. Lucas suprime, no seu texto, muitos elementos tipicamente judaicos que não eram significativas para as comunidades de cultura grega a quem o seu Evangelho se destinava.

A “bem-aventurança” – o género literário aqui utilizado – aparece frequentemente na literatura egípcia e grega. Na sua base está a ideia de que a divindade pode pronunciar palavras poderosas, palavras que uma vez lançadas, têm a faculdade de atuar na vida dos indivíduos e das comunidades. No caso da “bem-aventurança”, a palavra atua de forma positiva, sendo fonte de vida, de bênção e de felicidade.

Frequentemente, a par das “bem-aventuranças” também aparecem “maldições”. A “maldição é uma imprecação ou ameaça destinada a um inimigo ou a alguém que tem comportamentos considerados errados. Muitas vezes começa com a palavra “ai”: evoca o mundo assustador da morte, da desgraça, da infelicidade, sobre a pessoa que é objeto da “maldição”. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Dois mil anos depois de Jesus ter feito o “sermão da planície”, as “bem-aventuranças” continuam a soar aos nossos ouvidos de uma forma estranha e paradoxal. Deixam-nos perplexos e algo desconcertados, pois apontam num sentido que parece ir contra o senso comum. Parecem subverter todas as nossas lógicas e contradizer tudo aquilo que sabemos sobre êxito e fracasso. São um desafio que ameaça todas as nossas certezas e seguranças, a nossa sabedoria convencional e a nossa organização social. Poderão realmente ser um caminho para a felicidade e para a plena realização do ser humano? Jesus tem razão quando garante que a verdadeira felicidade se alcança por caminhos completamente diferentes dos que a sociedade atual propõe? As “bem-aventuranças” serão uma desculpa de fracassados, conversa de gente que não tem coragem para competir, para se impor, para triunfar, ou serão uma forma de construir um mundo diferente, mais justo, mais humano e mais fraterno? O nosso mundo ganharia alguma coisa se abandonássemos a competitividade e a luta feroz pelo êxito humano e optássemos por viver na lógica das “bem-aventuranças”? Seríamos mais livres e mais felizes se renunciássemos a certos valores que a sociedade impõe e passássemos a viver de acordo com os valores propostos por Jesus?
- Jesus disse: “bem-aventurados vós, os pobres”; e, em contraponto, “ai de vós, os ricos, que já recebestes a vossa consolação”. Será que Deus, depois de pôr à nossa disposição os bens materiais, mudou de ideias e veio pedir-nos para escolhermos a privação, a indigência, a miséria? É claro que não. Deus quer que tenhamos o necessário para viver dignamente; mas não quer que guardemos para nosso uso exclusivo os bens que pertencem a todos. Deus quer ver-nos caminhar sem privações e sem carências; mas não quer que adoremos o dinheiro e que sejamos escravos de coisas que são meramente acessórias. Deus quer que tenhamos conforto e bem-estar; mas não quer que ignoremos a miséria e a indigência em que vive um quinto da humanidade. Como lidamos com os bens materiais? Eles são a nossa prioridade? Escravizam-nos e absorvem-nos de tal forma que nos roubam a liberdade? Admitimos que os bens que Deus colocou nas nossas mãos pertencem a todos os filhos e filhas de Deus?
- Jesus disse: “bem-aventurados vós, que agora tendes fome”; e, em contraponto, “ai de vós, que agora estais saciados”. A “fome” – de pão, de paz, de amor, de liberdade, de acesso à educação, de cuidados de saúde, de uma vida digna – que atinge dramaticamente tantos dos nossos irmãos não é uma realidade inevitável, à luz do projeto de Deus para o mundo e para os homens. A “fome” é uma realidade que nos envergonha e com a qual não podemos conformar-nos. Ela existe porque muitas vezes, instalados comodamente no nosso bem-estar (“saciados”), não queremos saber dos nossos irmãos que sofrem todo o tipo de carências. Insensíveis e acomodados, viramos o rosto para o lado para não sermos questionados pela “fome” do mundo. Sentimos que somos responsáveis pela “fome” que faz sofrer tantos e tantos dos nossos irmãos? O que podemos fazer para a minorar?
- Jesus disse: “bem-aventurados vós, que agora chorais”; e, em contraponto, “ai de vós, que rides agora”. Deus tem alguma coisa contra a alegria e os risos? É claro que não. A felicidade de Deus é

ver os seus filhos mergulhados numa alegria verdadeira e numa felicidade sem sombras. O que Deus desaprova é o posicionamento daqueles que continuam a rir e a gozar a vida sem quererem saber da tristeza e das lágrimas dos seus irmãos; o que Deus reprova é o riso sarcástico daqueles que veem os seus irmãos caídos na berma da estrada da vida e os olham com o desprezo que os vencedores sentem pelos vencidos. Sentimo-nos solidários com os nossos irmãos que sofrem e choram? O que fazemos para secar as suas lágrimas e curá-los dos seus padecimentos?

- Jesus disse: “bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, vos rejeitarem e insultarem, e prescreverem o vosso nome como infame”; e, em contraponto, “ai de vós, quando todos os homens vos elogiarem”. Qual é o mal de sermos reconhecidos e elogiados por aqueles que conhecem o que somos e o que fazemos? Nenhum. O que pode ser mal é “vendermos a alma ao diabo” para conquistar reconhecimento e aplausos; o que pode ser mal é renunciarmos aos nossos princípios para termos o aplauso dos nossos concidadãos; o que pode ser mal é o cedermos ao socialmente correto para chegarmos mais longe no caminho do êxito; o que pode ser mal é “suavizarmos” as exigências de Jesus para sermos “modernos” e populares. Somos capazes de renunciar aos nossos valores para sermos admirados e aplaudidos pelos homens?
- As “bem-aventuranças” dão-nos um retrato bem bonito do coração paternal e maternal de Deus. Garantem-nos que Deus é sensível ao sofrimento dos seus filhos e que sente um carinho especial pelos que sofrem mais. Ele está sempre disponível para confortar os que estão feridos e magoados e para os ajudar a sair da sua triste situação. Como é que vemos e sentimos esta “sensibilidade” de Deus pelos mais frágeis e pequenos? Agrada-nos? É para nós fonte de esperança? O carinho de Deus pelos que precisam mais de amor inspira-nos e leva-nos a cuidar especialmente dos nossos irmãos que a vida maltrata? Somos testemunhas e profetas do amor de Deus no mundo? *in Dehonianos*

Para os leitores:

A **primeira leitura** não apresenta nenhuma dificuldade aparente, contudo, a proclamação deve ter em conta a construção do texto em duas partes distintas que caracterizam duas atitudes: «*Maldito quem confia no homem*» e «*Bendito quem confia no Senhor*».

Na **segunda leitura** deve haver uma especial atenção à longa frase interrogativa com que inicia a leitura. Deve evitar-se dar a entoação interrogativa apenas nas palavras finais da frase e acentuar a partícula interrogativa “*porque*” e o respetivo verbo “*dizem*”. O leitor deve estar atento às três frases condicionais e dar uma especial ênfase à conclusão – «*Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram*» – que sintetiza a mensagem de toda a leitura.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)